

Apresentação

Antropologia e Sociologia da Saúde: novas tendências

Miguel Montagner

Soraya Fleischer

Cabe-nos a prazerosa tarefa de lançar ao público o esforço coletivo de um grupo de pesquisadores que, tocados pela importância da saúde e do bem-estar humano na sociedade moderna, lançaram-se ao trabalho na interface ou no próprio campo da saúde. O que os une é o centro da importância desse dossiê - por nós organizado: o esforço de introdução, divulgação, inovação ou exploração de novos modos de abordar a saúde, ou no jargão das ciências humanas, novos olhares e perspectivas. Modos que ora se referem aos temas abordados, ora aos fundamentos teóricos, métodos e técnicas aplicados, lembrando que para nós, todas as escolhas nesse sentido estão imbricadas.

Abrimos este número especial entrevistando a professora Marie Jaisson, socióloga que vem trabalhando insistentemente sobre o tema da saúde, de uma perspectiva oriunda do *mainstream* sociológico de mais alta estirpe, a corrente francesa. Depois de estudar a clássica sociologia médica norte-americana com sua ênfase nas profissões em saúde, estudou, sob orientação do também francês Pierre Bourdieu, a economia das especialidades médicas na cidade francesa de Dijon e sua relação com o gênero^{1,2}. Atualmente, em uma volta crítica e corajosa aos clássicos, Jaisson tem propugnado que o pressuposto “fato biológico” da taxa de nascimento ao nascer constitui-se essencialmente por meio

do social e do cultural³.

Essa abertura estrondosa pode ser classificada como uma socioantropologia que se enquadraria na clássica distinção de Robert Strauss⁴, uma socioantropologia “da” saúde, externa e preponderantemente crítica ao campo, mesmo matizando a internalidade da autora no momento da pesquisa e nos seus interesses constantes sobre a saúde. Nessa linha de raciocínio, o artigo de Michael Bury⁵, que pela primeira vez poderá ser lido em português, apesar de seus milhares de citações e importância na sociologia da saúde contemporânea, representa uma proposta de sociologia “na” saúde muito bem sucedida. Pode-se mesmo indicar uma nova forma de abordagem da saúde/doença que demorou a chegar e se espriar pelo Brasil. Esse foi nosso objetivo ao traduzi-lo. Seu clássico artigo propõe e desenvolve a idéia que remetem a saúde e o adoecimento muito além da arena médica, mesmo que a ela se refram. Contamos ainda com um prefácio, do mesmo autor, especialmente escrito para apresentar aos nossos leitores os desdobramentos de sua proposta (seguida, aperfeiçoada ou criticada por outros autores)¹ nas quase três décadas que se seguiram.

Como forma de contemplar este

¹ Para um balanço crítico ver o número especial <http://bit.ly/9ofRn8>.

objetivo, apresentamos aqui trabalhos que seguem em diversas direções, a nosso ver, problematizando a visão puramente biocentrada do adoecimento.

Inicialmente, três artigos apontam para a perspectiva na qual a antropologia tradicionalmente tem estado assentada, que se voltou à busca da inteligibilidade de culturas indígenas e ribeirinhas ou, ao menos, ligeiramente opacas à sociedade nacional da qual fazem parte. Silvia Guimarães se debruça sobre o que ela chama de especialistas sanumá (xamãs), em suas práticas simbólicas e físicas, e os contrapõe ao pensamento curativo ocidental. Sua etnografia, entre os Sanumá de Roraima, nos apresenta os “seres auxiliares”, personagens fundamentais no trabalho prestado ao xamã em suas incursões terapêuticas. Com Cristhian Silva, aprendemos sobre outra etnia, infelizmente representada na atualidade por pouquíssimos indivíduos, os Avá-Canoeiro, residentes ao longo do Rio Tocantins. O autor faz uma aproximação inversa, ao escrutinar as ações indigenistas e o quanto elas têm o potencial de também serem iatrogênicas, perpassadas pela violência simbólica. Por fim, João Valentin Wawzyniak aponta a complexidade da interação entre o ambiente biomédico e adoecidos, neste caso ribeirinhos do Estado do Pará, em contato com práticas de prescrição e internação em ambiente hospitalar. O antropólogo paranaense percebeu, interessantemente, que a internação hospitalar indicava, em vez de um diacrítico de restabelecimento, um sinal de gravidade do estado de saúde do paciente.

Na mesma linha, ainda lidando com

grupos “estrangeiros”, com os “outros naturalizados”, o sociólogo Pedro Jabur focaliza seu trabalho em uma população urbana da capital brasileira, no entanto, uma população ainda diferente e sem residência fixa. Apesar de coexistir no mesmo espaço geográfico, estas pessoas são estrangeiras culturalmente e estão além da sociedade institucionalizada. Nesse sentido, seu adoecimento é peculiar, ligada à saúde mental e recai sobre a opção da corrosão de suas identidades sociais. Com ele encerramos o tema do estrangeiro e abordamos os artigos centrados nos “pares” ou, como denominaria a antropóloga Mariza Peirano⁶, a “alteridade próxima”, ou como diriam os sociólogos desde o clássico Charles Cooley, nos grupos primários, que possuem em comum uma necessidade em saúde e uma demanda específica. Estes trabalhos apontam para uma dimensão interna ao sistema biomédico, de uma socioantropologia “na” saúde. No entanto, a perspectiva não se resume à questão da doença e da relação sujeito/médico/sistema médico. Ela mostra a experiência e o ponto de vista dos sujeitos adoecidos, enfermos ou com uma busca pessoal e simbólica que extravasa para o campo da medicina.

Ximena Pamela Díaz-Bermúdez, Edgar Merchán-Hamann e Claudio Viveiros de Carvalho ressaltam as angústias, sofrimentos e dificuldades das pessoas na adesão ao tratamento prescrito no caso de pessoas vivendo com a Aids. A contribuição do artigo fica por conta da revelação dos determinantes que surgem para a não adesão aos tratamentos antirretrovirais. Já o antropólogo, Jardel Fischer Loeck,

nos brinda com uma pesquisa etnográfica no espaço de um grupo dos Narcóticos Anônimos em Porto Alegre/RS. Ele aponta para os casos de pessoas que, condenadas pela justiça pelo consumo/porte de substâncias psicoativas ilícitas, devem, como pena compulsória, participar do grupo terapêutico. Judicialização da dependência/doença, patologização da justiça, no artigo, se borram as fronteiras entre o biológico e o socialmente construído, no caso as leis e suas aplicações.

Na mesma toada, Sílvia Monnerat constata como o tratamento não só pode ser confundido com demandas e necessidades sociais como é constituído e fundamentado na própria sociabilidade. A autora, pesquisando há algum tempo em um Centro de Convivência em Niterói/RJ, nos mostra como é a sociabilidade o único meio de se atingir a “cura”, assumida no ponto de vista biomédico, nesse tempo de consolidação da Reforma Psiquiátrica no país. O que aparece são o convívio e as interações prosaicas do cotidiano - o “social” por excelência, segundo nossos parâmetros da sociologia e da antropologia - mais do que medicamentos, internações e prognósticos. Por fim, também num intenso diálogo com a Biomedicina, Pedro Nascimento ressalta como o discurso biomédico sobre reprodução assistida é re-significado nas vidas e nas trajetórias de casais que possuíam o desejo e necessidade social de ter filhos. Novamente aqui a perspectiva é a das pessoas que buscam esses tratamentos e os esforços empreendidos para navegar por espaços, linguagens e sistemas de hierarquia biomédicos que nem sempre estão

explícitos, de início, como condicionantes necessárias no acesso ao serviço público de novas tecnologias reprodutivas.

Abordando os temas das perspectivas coletivas, temos por fim três artigos que elucidam como os grupos sociais, em seu processo uso dos espaços institucionais, elaboram práticas e estratégias de sobrevivência/convivência mediados por suas experiências de vidas e vivências. Carla Costa Teixeira e Cristina Dias da Silva propõem uma abordagem antropológica dos usos da água nos banheiros públicos da Universidade de Brasília, com ênfase na relação público/privado, a corporalidade, relações de nojo e afastamento. Raro na literatura antropológica brasileira, o artigo nos traz dados inesperados sobre estes lugares tão corriqueiramente freqüentados pelos públicos acadêmicos e nos oferece possibilidades inovadoras para melhorar a oferta e apresentação desses espaços.

Manuela Venancio procurou investigar, pela observação participante, a maneira como duas mulheres acometidas pelo câncer de mama, tomadas como exemplares, vivenciaram a doença e como se deram os processos terapêuticos e conseqüentes impactos nestas duas vidas. A descrição sensível e atenta do processo permite compreender como uma enfermidade transforma a vida de uma pessoa e como ela interage com profissionais e familiares nesta situação. Nessa vertente, Inez Montagner realizou sua pesquisa com mulheres portadoras de câncer de mama, dependentes exclusivamente do atendimento médico público, em um hospital de Brasília/DF. O objetivo central foi compreender o processo

social de adoecimento e seus impactos na vida destas mulheres, assumindo como marco teórico o conceito de ruptura biográfica de Michael Bury, além de relacionar sua proposta com o conceito de *habitus* e trajetória social de Pierre Bourdieu. Mostrou-se como a doença na verdade é muito mais ampla e complexa do que permite antever a abordagem biomédica, e somente em seu caráter de enfermidade, determinada de forma profunda pelo social, é possível falar de terapia, tratamento, cuidado ou cura.

Fechando o dossiê, dois artigos retomam a reflexividade e o pensamento mais teórico sobre a saúde. O primeiro, de Soraya Fleischer, coloca em discussão sua experiência como professora e antropóloga no recém-criado curso de Saúde Coletiva na Universidade de Brasília. A intenção é a de esmiuçar e refletir sobre os desafios próprios da interdisciplinaridade, geralmente tão valorizada de pronto. O artigo, pessoal e retrospectivo, também ambiciona oferecer uma versão de sistematização sobre o momento inicial de criação de um novo *campus* universitário.

Por fim, Miguel Montagner procura aproximar da área da saúde um autor fundamental nas Ciências Sociais contemporâneas, que influenciou e influencia inúmeras inovações no pensamento social, Pierre Bourdieu. Montagner relaciona os conceitos de Bourdieu com uma teoria geral dos campos, abrindo a possibilidade de compreendermos a saúde como mais um campo em uma teoria geral de sociedade, tarefa que se faz mister se quisermos alterar nossa percepção das fortes, intensas e pouco esmiuçadas relações entre poder, biopoder

e a produção da saúde no Brasil. De certo modo, este último artigo retoma a discussão com a qual abrimos esta apresentação, pois Bourdieu pertence à corrente principal da teoria sociológica e estudou a saúde de forma indireta, por via de orientações como a de nossa entrevistada Marie Jaisson ou como a de Luc Boltanski (que resultou no conhecido *As classes sociais e o corpo*). Nesse sentido, Bourdieu poderia ser considerado como pesquisador “da” saúde e não “na” saúde.

Por outro lado, como pudemos ver no delineamento deste número especial, estamos talvez em um momento no qual esta dicotomia está se rompendo de vez no Brasil, a exemplo do ocorrido na Inglaterra e outros países, com o aporte simultâneo de pesquisas e pesquisadores de ambas as arenas, internas e externas ao campo da saúde, com métodos e teorias inovadoras ou já consolidadas, mas com uma perspectiva proveniente dos sujeitos envolvidos, da significação social do adoecimento e implodindo o olhar exclusivamente biomédico e biocêntrico, por mais importante que ele seja como uma matriz disciplinar localizada e eficaz. Em suma, parece ter amadurecido o tempo de uma Sociologia e Antropologia da Saúde, para além de uma Antropologia e Sociologia Médicas, da doença e da perspectiva da clínica médica, como apontou alhures Montagner⁷. Esperamos que nossos leitores aproveitem e se apropriem deste projeto aqui apresentado e permitam que suas pesquisas, mais ou menos biomédicas, se tornem cada vez mais permeáveis e sensíveis às interpretações de cunho socioantropológico e da abordagem das ciências humanas em geral.

Boa leitura!

Referências

1. Jaisson M. Les lieux de l'art: études sur la structure sociale du milieu médical dans une ville universitaire de province. [Tese]. Paris: EHESS; 1995.

2. Jaisson M. La mort aurait-elle mauvais genre ? La structure des spécialités médicales à l'épreuve de la morphologie sociale. Actes de la recherche en sciences sociales: médecines, patients et politiques de santé. 2002 jun.; (143):44-52.

3. Brian É, Jaisson M. Le Sexisme de la première heure: hasard et sociologie. Paris: Raisons d'agir; 2007.

4. Straus R. The Nature and Status of Medical Sociology. American sociological review. 1957;22:200-204.

5. Bury M. Chronic Illness as biographical disruption. Sociology of Health and Illness. 1982 july;4(2):167-82.

6. Peirano M. Alteridade em contexto: A Antropologia como ciência social no Brasil. Série Antropologia 255. Brasília: Departamento de Antropologia, 1999. <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie255empdf.pdf>

7. Montagner MÂ. Sociologia médica, sociologia da saúde ou medicina social? um esforço comparativo entre França e Brasil. Saúde Soc. 2008;17(2):193-210.